

### MULHERES NA CIÊNCIA E NA TECNOLOGIA: OS DESAFIOS DE CADA DIA

Adrielen Amancio da Silva (IFSP Campus São Carlos)  
[adrielen.a@aluno.ifsp.edu.br](mailto:adrielen.a@aluno.ifsp.edu.br)

#### Resumo:

O objetivo desse trabalho é refletir sobre os dados apresentados em um trabalho de conclusão de curso da Universidade Federal de Rondônia sobre mulheres na ciência no ano de 2017. Para dialogar com essa pesquisa, trazemos dados sobre a violência no Brasil (FÓRUM, 2023), mais especificamente em Rondônia. O que conseguimos perceber frente a essas questões é que, mesmo com conquistas sendo alcançadas nos direitos das mulheres, é preciso estar numa constante vigilância, uma vez que a educação, a ciência, a política e a sociedade em geral ainda têm falhado no combate à violência e opressão, principalmente de gênero.

**Palavras-chave:** Mulheres na Ciência; Violência de Gênero; Rondônia.

#### 1. Introdução

Esse trabalho é um recorte de uma pesquisa monográfica desenvolvida em 2017, vinculada a um projeto de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) ligado ao grupo de pesquisa Laboratório Amazônia Episteme, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), intitulado Gênero e Ciência: estudos em filosofia e história das ciências e da tecnologia.

Assim, o objetivo geral da pesquisa original, na época, foi investigar qual é o sentido de ser mulher e engenheira nas Instituições de Ensino Superior (IES) Públicas Federais de Rondônia. Nesse sentido, para essa exposição, selecionamos algumas análises das entrevistas, a fim de refletir esses dados, frente aos dados de violência e feminicídio em Rondônia.

#### 2. Objetivo

Isso posto, o objetivo é refletir sobre os dados apresentados em um trabalho de conclusão de curso (TCC) da Universidade Federal de Rondônia sobre mulheres na ciência no ano de 2017.

#### 3. Procedimentos

Trata-se de um recorte de uma pesquisa de TCC (SILVA, 2017) que buscou estabelecer um diálogo com dados publicados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública - ABSP (FÓRUM, 2023).

#### 4. Considerações

Em 2022, Rondônia, segundo o ABSP (FÓRUM, 2023), ultrapassou a média nacional em feminicídios. O estado tem sido o que mais mata mulheres no Brasil, sendo 3,1 a cada 100 mil habitantes. Isso não acontece de forma

isolada, mas está acompanhado de um contexto histórico. Assim, as falas de docentes engenheiras da UNIR, de 2017, dialogam e nos mostram sobre como elas percebem, principalmente no ambiente de trabalho, as relações de gênero, e essas micro violências que ocorreram e ocorrem todos os dias. Das sete entrevistadas, cinco relataram situações peculiares (porém, apresentaremos apenas três delas. Os nomes são fictícios).

[...] alguém geralmente fala, **“ahh o professor Linus veio com a esposa”**. [...] **“ahh, seu marido é professor”?** e tal. **Eu também sou, né**. Realmente, tem ainda essa visão, que é o homem que é o que está trabalhando e **eu estou acompanhando** (Sally Brown, 2017, grifo nosso).

É interessante analisar que os dois são professores doutores, pesquisadores e profissionais da mesma área e departamento (SILVA, 2017). Lima (2013) fala que esses obstáculos são construídos a partir de papéis e posições definidos para cada sexo, ou seja, um representa os atributos que o outro não possui, tornando o polo masculino de valor positivado, aquele que retira seu valor do polo negativo, que é o feminino. Para conseguir conciliar de maneira mais favorável a profissão e o casamento, muitas mulheres cometem a endogamia disciplinar, que são casamentos entre pesquisadores da mesma área. Assim ela aponta três consequências dessa situação: 1) “carreiras encaixadas”; 2) o possível ofuscamento da esposa em função da lógica de gênero; 3) a relação de concorrência entre o casal.

[...] porque ainda tem muito esse preconceito, **“porque ahh, a mulher não dá conta”, “ahh a mulher é isso”** e às vezes nem é isso, às vezes a mulher não tem a segurança, não tem a autoestima de falar eu posso e eu faço (Eudora, 2017, grifo nosso).

Vemos aqui a ideia de que os trabalhos bem executados precisam estar relacionados a uma figura masculina. Há uma visão histórica comum de que o ser humano é constituído por duas características opostas: mente e corpo, razão e paixão, psicologia e biologia, etc. (GROSZ, 2000; SILVA, 2017). Essa relação binária nos mostra ideias de hierarquia, em que a mente é o centro, é o exemplo, é a racionalidade mais pura e o corpo se torna tudo aquilo que é considerado como o “ponto fraco”, lado feminino, a emoção, a mulher.

[...] Os direitos das mulheres, eles são conquistados passo a passo **e à medida que qualquer coisa se atribula na sociedade, são os primeiros direitos a serem retirados**. [...] (Ruivinha, 2017, grifo nosso).

Schiebinger (2001) destaca que as mulheres cientistas vivem em dois mundos: o da ciência e o mundo da condição de mulher. Olhar para essa realidade frente aos dados da ABSP, nos mostra que o Brasil, e mais especificamente Rondônia, tem sido um estado nocivo para as mulheres. Estamos falhando em nosso papel na prática científica, na educação, na política e na sociedade como um todo. Enquanto mulheres e demais minorias

sociais continuarem morrendo por serem quem são, por se expressarem, por se colocarem no mundo, é evidente que há muito a ser feito.

## 5. Referências

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública**. São Paulo: FBSP, 2023.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, n. 14, p. 45-86, 2000.

LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 3, p. 883-903, 2013.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, A. A. **Mulher, engenharia e docência**: o gênero no surgimento da tecnologia no Estado de Rondônia. 2017. 96f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2017.